

O ACONTECIMENTO JANGO: EXUMAÇÃO E MEMÓRIA NA SIMULTANEIDADE DO JORNALISMO

THE JANGO EVENT: JOURNALISM SIMULTANEITY DEALING WITH EXHUMATION AND MEMORY

Edição v.35
número 1 / 2016

Contracampo e-ISSN 2238-2577
Niterói (RJ), v. 35, n. 1
abr/2016-jul/2016

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como espaço de circulação da pesquisa e do pensamento acadêmico.

JOSEMARI POERSCHKE QUEVEDO

Jornalista, Mestra em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Doutoranda em Políticas Públicas na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Brasil.

josemari.quevedo@gmail.com

MARJA PFEIFER COELHO

Jornalista, Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Brasil.

marjapcoelho@gmail.com

1 Uma versão deste artigo foi apresentada no GT Historiografia da Mídia durante o 10º Encontro Nacional de História da Mídia (2015), organizado pela Associação Brasileira de Pesquisadores da História da Mídia (ALCAR).

AO CITAR ESTE ARTIGO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

QUEVEDO, Josemari Poerschke; COELHO, Marja Pfeifer. O acontecimento Jango: exumação e memória na simultaneidade do jornalismo. In: Contracampo, v. 35, n. 1, ed. abril-jul/2016, ano 2016. Niterói: Contracampo, 2016. Págs: 45-68.

Enviado em: 10 de setembro de 2015 / Aceito em: 17 de novembro de 2015

DOI - <http://dx.doi.org/10.20505/contracampo.v35i1.841>

Resumo

Partindo dos conceitos de acontecimento e de simultaneidade, o artigo examina como foi narrada, por quatro jornais, a exumação do corpo do presidente João Goulart, desde a remoção dos restos mortais do cemitério em São Borja/RS (novembro de 2013), até a divulgação do laudo final (dezembro de 2014). Verifica-se como a exumação serve para tratar de memória nos níveis local, regional, nacional, pensando simultaneamente em: 1) Ditadura (acontecimento fundador); 2) Jango (sujeito que liga passado e presente); 3) Exumação (acontecimento novo). A metodologia empregada é a análise qualitativa dos textos e da nucleação de sentidos em torno do sujeito Jango, da exumação e do passado ao qual está vinculada. Dentre os resultados, são detectadas diferenças entre a dramatização dos jornais locais, a estetização da tecnicidade do jornal regional e a moralização da política do jornal nacional.

Palavras-chave

Memória; Exumação De Jango; Acontecimento.

Abstract

Starting from event and simultaneity concepts, the paper examines how the exhumation of the body of President João Goulart was narrated by four newspapers, from the removal of deadly cemetery remains in São Borja/RS (November 2013), to the release of the final report (December 2014). It was examined how exhumation was used to treat memory at the local, regional and national levels, considering simultaneously: 1) Dictatorship (founder event); 2) Jango (subject that connects past and present); 3) Exhumation (new event). The methodology used is the qualitative analysis of texts and sense nucleation around the subject Jango, the exhumation and the past to which it is linked. Differences are detected between the dramatization of local newspapers, the technicality aesthetics of the regional newspaper and the policy moralization of the national newspaper.

Key-words

Memory; Jango's Exhumation; Event.

Introdução

Em 2013, o campo político promoveu um resgate histórico inédito no país, quando o corpo do ex-presidente João Goulart (Jango) foi exumado para investigar a causa da sua morte. Solicitada pela família desde 2007, a medida se deu em meio a uma conjuntura de ação pública sobre a memória nacional no período militar (1964-1985).

Para tanto, foi fundamental a instalação da Comissão Nacional da Verdade (CNV), em 2012, com o objetivo de esclarecer os crimes de desaparecimento, assassinato e tortura nos anos de ditadura. A CNV foi um dos propositores institucionais da exumação, cujas etapas começaram com a remoção, de São Borja, no Rio Grande do Sul (RS), dos restos mortais de Jango, e com seu traslado a Brasília com direito à cerimônia de chefe de Estado; incluíram o segundo enterro com honras; e finalizaram com a divulgação dos resultados inconclusos em dezembro de 2014. O procedimento realçou São Borja¹, na fronteira oeste do RS. Berço de outro destaque da história do país, Getúlio Vargas, a cidade se tornou célebre, reconhecida como “Terra dos Presidentes”².

As relações entre presente e passado tornaram o acontecimento singular. Desta maneira, é interessante questionar: como o jornalismo, em diferentes níveis (local, regional, nacional), articula a narração do acontecimento “exumação”, elaborando um novo fato histórico, mexendo com memórias e criando novas representações?

Pela ótica da simultaneidade (FRANCISCATO, 2005), avalia-se como o jornalismo articula três fios condutores do acontecimento, que são:

1. ditadura, como acontecimento fundador;
2. o presidente, cujos restos mortais são elo entre passado e presente;
3. a exumação do corpo, acontecimento do presente.

São analisados estes núcleos de sentido em torno de fatos-chave: remoção do corpo, em 13 de novembro de 2013; 2º enterro de João Goulart, em 6/12/2013; e resultados da exumação, em 1º de dezembro de 2014. O *corpus* é composto pelos jornais locais *Folha de São Borja* e *O Regional*, de São Borja³, pela proximidade com o fato; por *Zero Hora*⁴, principal jornal do

1 Localizada a 600 quilômetros de Porto Alegre, a cidade tem cerca de 61 mil habitantes (Dados do Censo IBGE 2010. Consulta: 14/01/2015, em <http://www.ibge.gov.br>)

2 Assim declarada pela lei estadual 13.041/2009.

3 Há dois jornais mais importantes na cidade. A FSB, fundada em 1970 e mais tradicional, circula nas quartas-feiras e sábado. O Regional circula na sexta e abrange Itaqui, Garruchos, Maçambará, Unistalda e Santo Antonio das Missões. Informações coletadas da ficha editorial de ambos os jornais.

4 Jornal diário do Grupo Rede Brasil Sul (RBS). Fundado em 1964, tem sua redação em Porto Alegre, contando com uma sucursal em Brasília e correspondentes no interior do Estado. Apresentado no site da RBS como “o maior jornal do Rio Grande do Sul” (<http://www.gruporbs.com.br/atuacao/zero-hora/>).

RS; e pela *Folha de São Paulo*⁵, pelo escopo nacional. Os diferentes níveis de análise baseiam-se nas “galáxias” do jornalismo exploradas por Neveau (2006). O jornalismo local é marcado pela adjacência com fontes e leitores na produção das notícias, por vezes valorizando “um ‘nós’ territorializado” (NEVEAU, 2006). Já o jornalismo nacional assume autoridade moral ao tratar do que é relevante ao país⁶.

As notícias passaram por análise qualitativa, avaliando-se o conteúdo latente, a partir do sentido geral de textos e contextos (HERCOVITZ, 2007), buscando diferenças e aproximações entre os níveis na memória resgatada e aquela que, simultaneamente, é elaborada no contar da exumação.

Memória e jornalismo: acontecimento e simultaneidade

A presença dos meios de comunicação como um traço relevante da contemporaneidade conforma processos de significação sociais, a partir de experiências que se tornam públicas, partilhadas. Nesse sentido, o jornalismo torna-se importante lugar de produção e registro de memórias coletivas (HALBWACHS, 1990), quadros que servem de base às lembranças de grupos que participam de contextos comuns, mas também como fonte, para a posteridade, na reconstituição de uma memória histórica, dos acontecimentos de uma determinada época.

Pensar em memória coletiva não significa atribuir uniformidade às versões sobre as experiências vividas, mas considerar bases compartilhadas por grupos, enfatizando a importância do aspecto social. Como afirma Halbwachs (1990, p.51), cada indivíduo pertence a vários grupos. Do conjunto de lembranças comuns de um mesmo grupo, cada pessoa destaca algo diferente:

Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios (HALBWACHS, 1990, p. 51).

Partilhamos o mundo com diferentes grupos; dividimos contextos temporais e espaciais. Integramos sociedades, nações; nossas experiências,

5 Jornal diário do Grupo Folha, criado em 1921, com redação em São Paulo. De acordo com o site do Grupo, é “o jornal mais vendido do país entre os diários nacionais de interesse geral” (http://www1.folha.uol.com.br/institucional/conheca_a_folha.shtml).

6 Em similaridade ao conceito de jornal de referência. Conforme Marocco (2011, p. 91), Vidal-Benyato estipula três características para um jornal deste tipo: servir de referência a outros veículos, pautando-os; ser lugar privilegiado à presença e expressão de políticos, instituições, entidades, à comunicação com grupos dirigentes; servir como fonte a embaixadas estrangeiras sobre a realidade e os problemas do país.

entretanto, não são sempre diretas. Nessa mediação, a comunicação tem papel fundamental – e o jornalismo, posição singular enquanto “chave de leitura para o presente”, acompanhando o “espírito da época” (BERGER, 2009).

Entre o relembrar e o informar, a memória coletiva é tecida também no jornalismo. Memória que não é só uma concepção de passado, mas uma atualização e uma expectativa de significações a partir de cada novo acontecimento. Conceito caro à História, Sociologia e Filosofia, o acontecimento está vinculado à experiência e à produção de sentido, duplicidade apontada por Quéré (2005). Para o autor, todo acontecimento revela, diz sobre um campo problemático, possui um “poder hermenêutico”. Entre fato e sentido, ação e narração pelos sujeitos, o acontecimento se individualiza, inscrevendo-se no tempo e esclarecendo seu contexto.

Babo-Lança (2011, p.74) refere-se ao acontecimento como algo único, singular, uma irrupção da novidade que introduz descontinuidade. O que marca o seu sentido são os termos narrativos, acrescidos dos sentidos de seleção angariando ao acontecimento novos estatutos.

[...] a significação do acontecimento social deve-se à sua relação com outros acontecimentos, às significações que lhe são atribuídas pela sua inscrição social e cultural num universo de práticas, regras, convenções e instituições, à experiência pública e ao modo como a sua ocorrência e consequências que dele resultam são interpretadas, apropriadas e vividas. [...] A significação do acontecimento liga-se, portanto, a uma ordem convencional e simbólica, ao mesmo tempo que todo o acontecimento é interpretado e compreendido num horizonte de historicidade (BABO-LANÇA, 2011, p. 74-75).

Pode-se dizer que há acontecimentos de diferentes tipos. Quéré (2011) discrimina os acontecimentos públicos – aqueles que envolvem o mundo em comum, fazendo referência a princípios ético-jurídicos, e que exigem ação pública, seja do Estado ou de grupos organizados. Avaliando o acontecimento aqui adotado – a exumação do corpo do ex-presidente –, há que se considerar que está vinculado a uma ação pública, a própria instauração da CNV, que surge como demanda frente a um campo problemático constituído pela opacidade em torno do período militar. Este regime é o acontecimento histórico e fundador; a constituição da exumação enquanto acontecimento jornalístico deve trazer, necessariamente, marcas da memória deste outro acontecimento, sentidos que são mobilizadores para a compreensão do novo fato. Pensando com Berger (2009), ao acontecimento fundador vão se somando camadas de sentido a compor a atualidade jornalística, imersa na

“cultura da política da memória”.⁷

A autora (BERGER, 2009, p. 4.293) avalia que novos processos políticos e históricos modificam os parâmetros de interpretação para a compreensão da experiência passada. Assim, surgem “conjunturas de ativação da memória, em que um novo acontecimento reinterpreta o acontecimento inaugural”. Esse novo acontecimento, constituído pela rememoração do passado, se expressará pela narrativa, “maneira como sujeitos dão sentido ao passado”. Ancorada em Paul Ricoeur, Babo-Lança (2011, p. 77) coloca a impossibilidade de dissociar a memória da história. Para a autora, “a memória individual e a memória coletiva passam a integrar o ‘território do historiador’”, evidenciando “o desafio para a historiografia do presente de uma ‘política da justa memória’”, em referência a uma dívida em relação às vítimas da história, “sem com isso renunciar à autonomia da história à sua ‘função corretiva de verdade’”.

O acontecimento jornalístico deve ser entendido a partir da apreensão do que ocorre e de sua elaboração em formato discursivo específico – a notícia, construída em um processo de produção, circulação e consumo (ALSINA, 2009). Babo-Lança (2012) questiona-se sobre as relações entre jornalismo, acontecimento e memória, partindo de uma “pragmática da memória”, pela qual “o seu exercício (da memória) é o seu uso e em que fazer memória se inscreve numa exploração prática do mundo, na qual existe uma dimensão de seleção” (p. 59). Para a autora, as notícias não só descrevem e narram acontecimentos, como os *inscrevem*, atribuindo-lhes exteriorização e fixação, constituindo-os documento histórico.

Ao selecionar fatos, o jornalista elabora o presente, mas também uma noção de passado. “As mídias instituem (fazem), assim, uma memória, com o exercício de poder que daí advém” (BABO-LANÇA, 2012, p. 60). Neste processo, também a memória é vivida e referenciada: “[...] se o jornalismo vive ao *ritmo do acontecimento*, constituindo o seu lugar de irrupção pública preferencial, também é hoje dominado pela lógica arquivística e rememorativa” (2012, p.62).

Assim como o acontecimento, a atualidade é um dos fundamentos do jornalismo (FONTCUBERTA, 2011). Debatendo o jornalismo enquanto materialidade e lugar de externalização da memória, Palacios (2010) destaca a natureza mais específica da prática jornalística, que é a sua relação e influência com o tempo que passa e o tempo que narra. Isto caracteriza o jornalismo enquanto instituição, ocupando um lugar duplo diante da diferença

7 Conforme Berger (2009, p.4.292), cultura que emerge no “século XXI trazendo o passado ao presente através da crítica às atrocidades e injustiças cometidas e amplia as vozes que testemunham sobre estes acontecimentos.” O Holocausto é o caso mais exemplar destes movimentos de esclarecimento.

entre história e memória⁸: como “espaço vivo de produção da atualidade, lugar de agendamento imediato” e ainda “igualmente, lugar de memória, produtor de repositórios de registros sistemáticos do cotidiano para posterior apropriação e reconstrução histórica” (p. 39-40).

Franciscato (2005) identifica cinco “fenômenos temporais”⁹ imbricados na atividade jornalística, conformando a noção de atualidade. Entre eles está a simultaneidade, quando ações ou eventos são relacionados sincronicamente, dando textura à atualidade. Como categoria, pode ser definida como “o que ocorre ou é feito ao mesmo tempo ou quase ao mesmo tempo que outra coisa”. Com o advento tecnológico que caracteriza o jornalismo no desígnio de ações e eventos, tornou-se preciso “falar em fatos que ocorrem simultaneamente” (FRANCISCATO, 2005, p. 124) e os fatos podem ter origens em tempos diferentes ao compor o presente. Ou seja, “falar em simultaneidade é nos referir a um tipo de relação que extrapola a simples concomitância no tempo”. Na análise sobre os novos fatos envolvendo Jango, as notícias devem retratar episódios presentes – como a realização da exumação do corpo, o procedimento como ação vinculada à CNV – em simultaneidade. Porém, há outra simultaneidade narrativa quando se atualiza o passado em que Jango foi deposto pelo golpe militar e o motivo que o levou à morte, sob uma suspeita que perdurou ao longo dos anos.

Assim, eventos diferenciados sobre um tema têm simultaneidade “não por que ocupam o mesmo momento no tempo, mas porque ocorrem juntos” numa nova narrativa, postula Whitrow segundo Franciscato (2005, p. 124).

Exumar o passado, construir o presente: o acontecimento nas páginas dos jornais

Considerando o anúncio, a cobertura e repercussão de cada um dos três diferentes momentos do acontecimento (retirada dos restos mortais de São Borja e traslado a Brasília; o segundo enterro; a divulgação dos resultados), foram examinadas as edições dos dois jornais diários (*Zero Hora* e *Folha de São Paulo*) compreendidas entre 10 de novembro de 2013 a 16 de novembro de 2013; 5 de dezembro de 2013 a 7 de dezembro de 2013; 30 de novembro de 2014 a 2 de dezembro de 2014. Os jornais locais, por sua periodicidade

8 A perspectiva do autor é a de Muniz Sodré, que faz a diferenciação entre história, enquanto reconstrução incompleta do que não existe mais, e memória, enquanto fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente (PALACIOS, 2010, p. 39).

9 Os cinco “fenômenos temporais” de Franciscato (2005) são: a instantaneidade (na transmissão e como prática social e cultural), periodicidade (uma maneira de ordenação do tempo social), novidade (que tem sentido em um quadro de regularidade), revelação pública (momento de veiculação de uma notícia, dando possibilidades de intervenção) e a simultaneidade, tratada neste artigo.

diferenciada, tiveram um período mais alargado de análise, compreendendo as datas entre 10 de novembro de 2013 e 20 de novembro de 2013; 5 de dezembro de 2013 e 14 de dezembro de 2013; e 5 de novembro de 2014 e 3 de dezembro de 2014.

Jornais de São Borja: a experiência singular da cidade

A cidade é o lugar geográfico das “testemunhas de experiências vividas” (BERGER, 2009, p. 4.293) no primeiro enterro do ex-presidente, na exumação e no segundo enterro a partir do retrato dos jornais *Folha de São Borja* e *O Regional*. Além da experiência direta no passado, no presente adquiriram “uma representação do passado construída como conhecimento cultural compartilhado pelo ambiente das relações pessoais” e pela “opção política” de se realizar um movimento de resgate da memória, formando um “circuito de lembranças” (p. 4.294).

No que segue, verifica-se que São Borja tem uma memória específica sobre os fatos relacionados a Jango no passado e no presente que constituem o acontecimento.

A cidade emocionada em Folha de São Borja

A Folha de São Borja cobriu o período de exumação e retorno de Jango à cidade em, pelo menos, seis edições de destaque, destinando três capas, cujas manchetes foram: “Jango foi vítima da ditadura? Fim do mistério poderá vir de Brasília” (14 de novembro de 2013); “Descanse em paz, presidente!” (7 de dezembro de 2013); e “Ato simbólico devolve presidência da República a Jango 37 anos após sua morte” (14 de dezembro de 2013). O jornal registrou uma grande expectativa em relação à exumação de Jango de parte de “São Borja”. Era o momento em que o político nascido no município tinha a sua vida histórica revista. Por isso, havia uma atenção especial para a saída do “esquife” de Jango da cidade, devido ao receio da comunidade sobre o retorno. Esta preocupação prepondera nesta fase.

O coordenador da Comissão Municipal da Verdade Iberê Teixeira fez um discurso forte em torno da exumação de Jango, mas especialmente da *garantia* do governo brasileiro de que os *restos mortais do ex-presidente retornarão a São Borja em dezembro*. (FSB, 14/11/2013, contracapa, grifos nossos).

Ao se verificar como a exumação aconteceu no dia 13, a cidade está

em relevância no enfoque do jornal. O *lead* da manchete “São Borja vive expectativa em torno do possível assassinato do ex-presidente” demonstra a priorização.

São Borja conviveu com momentos importantes ao longo da semana e que passam a fazer parte de *sua própria história*, mas também da história do Estado e do Brasil. Após muitos preparativos, que começaram em maio deste, e mediante um forte esquema de segurança da Polícia Federal e coordenação da Comissão Nacional da Verdade, nesta quarta-feira, dia 13 de novembro de 2013, foi realizado o processo de retirada do corpo do ex-presidente [...] (FSB, 14/11/2013, contracapa, grifos nossos).

Meandros que culminaram na exumação são explicados com recursos da simultaneidade ao retratar a ditadura no que segue na mesma notícia:

A exumação do corpo de Jango, com o objetivo de verificar se realmente ele foi mesmo assassinado a mando da Operação Condor, em 1976, quando estava no exílio na Argentina, foi solicitada pelos familiares em 2011.

Esta memória que interessa sobre Jango vai aparecer em segundo plano. Por sua vez, a ditadura, que é explicitada na retranscrição “Audiência Pública”, aparece caracterizada como “lado obscuro”, um “período de exceção no país”.

A edição de 20 de novembro de 2013 cobre os desdobramentos práticos da exumação. São destaques as retranscrições “Filho do coveiro desmente versão”; “Exumação será parte de filme”; e “Homenagens”. O texto confirmava que o corpo retirado do Cemitério Jardim da Paz “realmente é do ex-presidente”, isto por que houve boato de que os peritos teriam retirado o corpo de outra pessoa do jazigo Goulart (FSB, 20/11/2013, p. 4).

Em 7 de dezembro de 2013, Jango volta a São Borja. A capa exhibe foto da população em volta do jazigo da família Goulart, com destaque para um grande número de fotógrafos registrando a cena (Figura 1). O parágrafo abaixo à manchete celebra o retorno:

Após ser desenterrado para a exumação de seus restos mortais, a fim de determinar a causa da sua morte, o ex-presidente João Goulart é inumado, desta vez com honras de chefe de estado, *condição que lhe foi negada quando de sua morte, há 37 anos* (FSB 7/12/2013, Capa, grifos nossos).

O acontecimento se constrói sobre uma memória marcante à cidade do que foi negado no passado e agora é revisto e refeito no presente.

O retorno de Jango à terra natal e o feriado municipal decretado em 6 de dezembro de 2013 propiciaram “O último adeus a Jango, agora com honra de chefes de Estado” (FSB, 7/12/2013, Política, p. 5). A simultaneidade é

distinguida na menção ao “agora”, que coloca os dois enterros em perspectivas comparativas, elevando a identidade de Jango com menção a seu nome completo, referindo a ditadura e o exército, hoje com posturas diferentes do passado em um outro paralelo comparativo entre passado e presente.

Isto se evidencia também na memória registrada pelo jornal de quem vivenciou a experiência do enterro de Jango em São Borja e teve a ocasião inédita de vivenciar o novo sepultamento do ex-presidente.

Quem presenciou o enterro do ex-presidente João Belchior Marques Goulart, em dezembro de 1976, no Cemitério Jardim da Paz, em São Borja, não imaginaria que 37 anos depois a cena se repetiria, embora de forma diferente. Um novo sepultamento de Jango, em sua terra natal, agora teve algumas características significativas, entre elas as homenagens e as honras militares e de Chefe de Estado, além da participação do exército brasileiro que, em 1976, não teve a mesma atitude. Na época, o político, que havia morrido na Argentina, foi enterrado quase que como um cidadão comum, com a diferença de que houve muita comoção e apelo pela abertura política (FSB, 7/12/2013, Política, p. 5, grifos nossos).

Na simultaneidade narrativa, os dois Jangos, o do passado e o do presente, são admirados em igual nível pela São Borja imaginada no jornal. Para a cidade, aquele foi mais um dia “histórico de tantos que teve por conta de sua condição de terra de grandes personalidades”. Reconheceu-se que “o governo federal cumpriu a promessa de realizar a homenagem ao político em sua terra”. A notícia enfatiza aplausos dos populares e que “centenas de pessoas postaram-se nas calçadas com bandeiras do Brasil e de partidos políticos”.

O periódico repercute declaração do comandante Militar do Sul que “negou que estivesse corrigindo um erro histórico ou fazendo uma retratação ao prestar honras militares a Jango”. A simultaneidade está na fala: “Ele não foi enterrado como cidadão comum, ele nunca deixou de ser presidente. [...] Não tem nenhuma ilação, além de disso, nem a favor, nem contra” (FSB, 7/12/2013, Política, p. 5). Pelo tom da declaração, verifica-se aqui o aspecto desarmonizador da memória vindo à tona através do jornalismo. Neste trecho narrativo, aparecem as marcas da memória do acontecimento fundador: a ditadura.

Isto corrobora que a memória construída não tem uma interpretação unificada e nem consensual. Palacios (2010) destaca justamente que esta é a natureza da memória: ser múltipla, coletiva, plural, individualizada. Haverá tantos relatos quanto forem registrados: podem convergir, conflitar, contradizer, seja qual for a pretensão de objetividade e imparcialidade das

deontologias jornalísticas vigentes.

Paralelo ao passado, por outro lado, Jango tem seu retorno à cidade reconfigurado no presente. De forma explícita, segundo o jornal, “o ex-presidente voltou, agora em definitivo, à sua última morada”.

A espera pelo resultado dos exames toxicológicos dos restos mortais é destaque em pelo menos seis edições da FSB no ano seguinte à exumação. Uma expectativa que ocupa por quase um mês as notícias do jornal, de 5 de novembro de 2014 a 3 de dezembro de 2014, e rende quatro capas (Figura 2).

A capa de 26 de novembro de 2014 mostra o corpo honrado em Brasília e a coletiva da então secretária nacional dos Direitos Humanos, Ideli Salvatti, confirmando cronograma de divulgação para a segunda-feira seguinte. A ministra declara: “não estamos exumando apenas um presidente da República, mas um período da história brasileira que precisava ser resgatado”. A frase pontua a conexão necessária ao acontecimento que liga o presente ao passado.

A resposta veio na edição de 3 de dezembro de 2014, na manchete de capa com foto da ministra Ideli Salvatti exibindo um sorriso amarelo na entrega do laudo ao filho de Jango João Vicente Goulart em Brasília: “Peritos não conseguem determinar causas da morte do ex-presidente Jango”. A linha de apoio diz que “a família Goulart já estava preparada para qualquer resultado, mas garante que a investigação vai continuar”. Na matéria interna, o texto não disfarça a frustração evidente: “[...] o laudo sobre a morte do ex-presidente da República João Belchior Goulart (Jango) provocou uma certa desilusão em quem esperava algo bem conclusivo e que não suscitasse dúvida” (FSB, 3/12/2014, p. 3).

Com contornos de dramaticidade, este novo capítulo da história de Jango se encerrava, embora não tivesse cumprido com o desfecho definitivo esperado. Mas, independente dos resultados da exumação, para a São Borja do jornal Folha de São Borja, Jango havia recebido as honras devidas do passado e voltado ao Cemitério Jardim da Paz.

0 Regional: foco nos desdobramentos

Com menor amplitude que a Folha de São Borja, a cobertura realizada pelo Jornal Regional enfocou os desdobramentos causados pelo acontecimento Jango, e contextualizou os motivos que o levaram a ser deposto. O jornal informou sobre o tema em ao menos três edições, com duas capas, concentrando o assunto em grande cobertura em 6 de dezembro de 2013, no

segundo sepultamento.

Na capa de 29 de novembro de 2013, a manchete “Segundo sepultamento de Jango terá cerimônia pública” teve linha de apoio informativa, com foto do recebimento das honras de presidente em Brasília. A memória é demarcada no registro de que Jango seria sepultado pela segunda vez.

Internamente, a notícia informava que o “dia 6 de dezembro será feriado municipal em São Borja” e apresentava a programação do traslado com o roteiro do aeroporto ao enterro. A concisão aparece na única marca da simultaneidade temporal com o passado. “A data será reservada para que Jango tenha, *37 anos depois de sua morte, o enterro que não teve, quando seu corpo retornou ao Brasil em dezembro de 1976*” (O REGIONAL, 29/11/2013, Geral, p. 8, *grifos nossos*).

Esse mesmo tom é seguido pela publicação em 6 de dezembro de 2013, na capa cuja manchete diz “Esquife de Jango chega às 11h no Aeroporto João Manuel” (figura 3). Porém, mais atento aos registros factuais e trabalhando com aspectos da memória histórica, O Regional aborda, nas páginas 6 e 7, o acontecimento em sete matérias e seis fotos apresentando simultaneidade do fato histórico.

Nesta edição, sobre o acontecimento no presente, existem seis textos. A matéria “Com feriado, São Borja acompanha hoje novo sepultamento de Jango” trata da “inumação do presidente João Goulart” a partir da “chegada do esquife”. A conexão com o passado está na foto que retrata que “Em 1976, o caixão de Jango foi levado pelo povo, da Igreja até o Cemitério”.

Na notícia “Convenção do PDT reduz presença de lideranças no enterro de Jango” há simultaneidade no registro presente sobre meandros do partido paralelos ao sepultamento. Outro texto noticia que lideranças nacionais do PDT foram excluídas do cerimonial sob a manchete “Família não quer a presença de Carlos Lupi”.

Em outro texto, é revelada a participação do Exército na cerimônia, destacando que “haverá execução do toque de silêncio por um integrante do Regimento”.

A página 7 prioriza as ações de Jango. A matéria principal “Tudo começou com as Reformas de Base” apresenta sucessão de fatos de 1958 a 1964 e introduz parágrafo que expõe as motivações que levaram “as Forças Armadas” a dar o “golpe militar de 1964”, quando “Jango foi deposto”. Diz no jornal: “(...) o ‘conjunto da obra’ culminou com o comício da Central do Brasil em que Jango defendeu de forma radical as chamadas Reformas de Base” (O REGIONAL, 6/12/2013, Política, p. 7).

Já a divulgação do resultado da exumação se mostra inusitada quando

registra atrito entre governo e familiares de Jango. Em 24 de novembro de 2014, O Regional noticia que a família foi “surpreendida pelo cronograma comunicado pela ministra Ideli Salvatti”. Na ocasião, o filho de Jango, João Vicente, temia que o cronograma compromettesse “a análise dos peritos brasileiros e estrangeiros reunidos em Brasília”.

Nessa linha, a CNV aparece como se estivesse cometendo um erro. “O laudo precisa ser tratado com cuidado, não se pode fazer um anúncio atropelado – diz João Vicente” (O REGIONAL, 28/11/2014, Política, p. 5). A declaração selecionada complementa um quadro de atrito.

Isto posto, para O Regional foi relevante demarcar os fatos do passado, rememorando uma memória histórica, e também pontuar a existência de atritos e questionamento em torno dos resultados da exumação no presente.

Zero Hora: a primazia da proximidade e da referência

Zero Hora assumiu o papel intermediário de narração que lhe cabia: como principal jornal do estado de origem do presidente, mobilizou sua cobertura para narrar, com a proximidade testemunhal devida, os procedimentos da exumação e do novo enterro. Ao mesmo tempo, como jornal de referência, provocou repercussão e fez circular opiniões – tanto do jornal, através de editoriais, quanto dos leitores, de articulistas e de colunistas.

Uma primeira observação dá conta da relevância e do destaque que o acontecimento ganhou. No período entre 10 a 16 de novembro de 2013 (seis edições do jornal), quando o corpo de Jango foi retirado de São Borja e levado a Brasília, o tema esteve presente em quatro capas, e ganhou 11 páginas de matérias (não computados gêneros opinativos).

A exumação é a estrela. Trata-se de um acontecimento único, “Uma operação para iluminar a história”, como diz o título da reportagem especial publicada em 10 de novembro de 2013, que assim introduz: “Operação com aparato de segurança, avião presidencial, peritos de quatro países e laboratórios estrangeiros, a maior exumação realizada pelo Estado brasileiro pode terminar sem conclusões”.

A possibilidade de um resultado inconclusivo está enunciada desde o início; ela não retira, entretanto, a importância do acontecimento, em seu ineditismo, caráter histórico e político. A iniciativa da exumação é corretamente creditada.

Apesar da falta de provas documentais, Ministério Público, Comissão Nacional da Verdade e a Secretaria de Direitos

Humanos da Presidência da República consideram consistentes os relatos de envenenamento. Historiadores divergem, mas apoiam a exumação, pedida pela família. Todos comungam de uma opinião: o país tem o dever de, ao menos, tentar elucidar o caso (ZERO HORA, 10/11/2013, p. 4).

Assim justificada, a exumação é esmiuçada tecnicamente. O traslado e os exames são explicados ao leitor por meio de infográficos, que ocuparam 27,5% das páginas de gênero informativo dedicadas ao acontecimento no período (Figura 4). O destaque da informação técnica confere também uma dimensão espetacular à exumação: além de um momento histórico, das honrarias políticas que se seguiriam, ela demanda um trabalho perito de tal envergadura que precisa ser detalhado passo a passo ao leitor.

Dois repórteres foram destacados para cobrir a operação, publicando notas testemunhais e curiosidades em uma retransmissão intitulada "Diário de São Borja" - marca da proximidade não só do local, como de fontes. Todo o processo, a audiência pública, a preparação para a retirada dos restos mortais ("A verdade do jazigo" - capa no dia do procedimento, com uma foto da estrutura montada em torno do túmulo para realizar a operação), o atraso sofrido em razão de um engano de localização, tudo é contado por Zero Hora.

Tratado por ex-presidente, líder trabalhista, gaúcho, social democrata, Jango é lembrado em entrevistas com personalidades. Em uma delas, Jorge Ferreira, biógrafo do presidente (ZH, 13/11/2013, p.8), não descarta a suspeita de envenenamento, mas cita fatores que corroboram a morte natural: Jango "tomava remédios para pressão alta, comia carne gordurosa, fumava dois maços de cigarro por dia, bebia uísque com gelo".

Já o regime militar tem mais elementos contextualizadores logo no anúncio da exumação. Em 10 de novembro de 2013, ZH escolhe e define para o leitor termos para entender "um período conturbado", resumo de "uma época tensa" (p. 5): São Borja, Brizola, reformas de base, Getúlio Vargas, Jânio Quadros, comício da Central do Brasil, trabalhismo, legalidade, golpe de 1964, vice-presidente, parlamentarismo e exílio. A marca do regionalismo se faz presente.

O período de análise de remoção/chegada do corpo em Brasília finaliza com a repercussão dos fatos. O jornal convoca seus leitores: "Para a oposição, o ato é apenas político, já o governo acredita mudar os rumos da História com o resultado. Qual a sua opinião?". Das 13 cartas publicadas (ZH, 16/11/2013, p. 14), só duas posicionam-se de maneira favorável à exumação. Para as demais, é "politicagem". Alguns se referem ao custo: "só para gastar dinheiro público", "só quero saber quem vai pagar a conta desse circo todo", "conta maior para o povo pagar". O próprio Jango é desqualificado. Aparece como

“homem cardíaco e deprimido, que comia e bebia em excesso”, “tremenda falácia política”, “fumante, bebedor e comedor de churrasco gordo”.

O novo enterro do presidente, com honras de Estado, é anunciado na edição de 6 de dezembro de 2013. Uma página inteira, sob a cartola “A volta de Jango”, explica como será a cerimônia pública. O vínculo com São Borja, que decretou feriado, é destacado. No dia seguinte, a cobertura garantiu duas páginas ao enterro. O retorno foi “marcado pela emoção”, e levou centenas de são-borjenses às ruas. A cobertura descreve as palavras (“Jango, Jango, Jango!”) e o hino nacional entoado pelo público: “Patriotismo, saudade e idolatria”, resume o texto de abertura da matéria (ZH, 07/12/2014, p. 8).

A tensão política é reatualizada na fala do general Goellner, comandante militar do Sul. Questionado se as honras de Estado significavam a retratação de um erro histórico, ele afirma: “Nenhum erro histórico. A História não comete erro. A História é a História. [...] Estamos prestando as honras regulamentares, nada mais do que isso – disse”. Suas declarações são rebatidas por políticos. Mais que a exumação, é o enterro que sincroniza a ditadura e a atualidade, na perspectiva de uma tensão política afluída nestes contrapontos.

Este momento do acontecimento não ganhou capas¹⁰, mas é considerado relevante a ponto de merecer editorial (“O segundo enterro de Jango” – ZH, 07/12/2013, p. 16). Nele, o jornal afirma que a cerimônia é “um gesto político de desagravo à forma como foram cerceadas as exéquias do chefe do Executivo”. A tensão política reaparece aqui; o “erro” traduz-se em “cerceamento”; a democracia é valorizada, e o mais importante é que “fatos tão dolorosos não voltem a se repetir”.

A relevância dada pelo jornal ao acontecimento é mantida para a revelação do laudo, ganhando uma chamada de capa em 2 de dezembro de 2014. Na edição do dia anterior, uma nota já avisava sobre a divulgação dos resultados. Nas duas edições, mantém-se a escolha da cartola “Anos de Chumbo”¹¹. Situar o resultado da exumação de Jango nesta temporalidade traz um ancoramento de sentido entre a violência praticada naqueles anos e as suspeitas sobre a morte do presidente, postos em simultaneidade.

A divulgação do resultado assume os cuidados que a palavra “inconcluso” encerra: “Perícia internacional *sugere* que ex-presidente teve morte natural, mas *não descarta tese* de assassinato” (ZH, 01/12/2014, Capa, *grifos nossos*). Em espaço opinativo, o tratamento é outro. Para a colunista Rosane de Oliveira, o resultado da exumação só surpreende “quem

10 Dois grandes acontecimentos tomaram por completo as capas de Zero Hora nos dias 06 e 07/12/2013: a morte de Nelson Mandela e o sorteio das seleções que jogariam em Porto Alegre para a Copa do Mundo 2014, respectivamente.

11 Uma referência ao período mais repressivo (com a edição do Ato Institucional nº 5, em 1968, até o final do governo Médici, em 1974) da ditadura militar.

embarcou na fantasia de que ele fora envenenado no exílio”. A exumação teria sido “perda de tempo, dinheiro e energia”. Esta etapa encerra com uma charge (publicada em 2 de dezembro, e que recebe repercussão em cartas dos leitores no dia seguinte), retratando as ministras Ideli Salvati e Maria do Rosário chorando não pela morte de Jango, mas pelo resultado inconcluso da perícia.

Folha de São Paulo: o acontecimento da política

O anúncio da exumação é feito pela Folha de São Paulo em matéria de meia página, em 12 de novembro de 2013. A iniciativa é tratada como um acontecimento político.

Sob o argumento de “prestar honras” a um presidente que não foi homenageado na época da morte, o processo de exumação do corpo de João Goulart, programado para amanhã no Rio Grande do Sul, deve ser marcado pela mobilização política (FSP, 12/11/2013, p. A8).

A mobilização referida traduz-se na expectativa de que o povo de São Borja acompanhe o traslado do corpo; no pedido da ministra dos Direitos Humanos Maria do Rosário (apresentada como coordenadora da ação) de que partidos participem do ato; do anúncio do recebimento, em Brasília, do corpo de Jango por ex-presidentes em cerimônia formal.

A exumação é fruto da vontade do governo federal e da família, que “suspeitam de assassinato por envenenamento”. Jango, tratado por presidente ou ex-presidente, tem sua história resumida ao quadro “O que matou João Goulart”, uma cronologia que inicia em 1964, com sua deposição, e que finaliza em 2013 com a exumação. O período militar é referido apenas em associação às suspeitas (“forças da ditadura militar” teriam sido autoras do crime; Jango foi monitorado “pela repressão” no exílio) e na lembrança do golpe, na cronologia citada.

No dia da abertura do jazigo, o jornal noticia: “Exumação de Jango lota hotéis de São Borja” (FSP, 13/11/2013, p. A12). A ênfase recai sobre a cidade, tanto no sentido mítico (São Borja é introduzida ao leitor como “Terra dos Presidentes”), mas especialmente na expectativa de um espetáculo a ser assistido. O jornal chega a entrevistar um gerente de hotel para confirmar a lotação; o medo dos são-borjenses de que os restos mortais não retornem também é referido.

Um quadro explica “Por que o corpo de Jango será exumado”. Seis elementos “embasam a suspeita”: Jango e a família eram alvo de ameaças no exílio; os militares continuaram monitorando-o no exílio; Juscelino Kubsticheck,

Jango e Carlos Lacerda, “líderes que defendiam a redemocratização”, morreram no período de nove meses; o corpo não passou por autópsia; Enrique Foch Diaz, amigo do presidente, “observou que 18 pessoas envolvidas no caso morreram – a maioria, como Jango, por infarto”; e a declaração do ex-agente uruguaio que teria participado do complô. Os elementos são citados, sem informar, por exemplo, quem são as “18 pessoas envolvidas no caso”.

Jango, neste dia, é mais objeto do que sujeito; perseguido, monitorado, exumado. Não há menção ao que o presidente representava como justificativa para as suspeitas de assassinato. Esta linha somente é assumida no dia seguinte, em espaço opinativo, em artigo de Janio de Freitas (“Jango em Brasília”, FSP, 14/11/2013, p. A10).

João Goulart foi parte ativa de um período difícil do Brasil, pela agitação política e social, pela ação de interesses estrangeiros, a exacerbação das ambições de poder, a conturbada descoberta de si mesma por toda a América Latina, tudo isso no quadro estrangulante da Guerra Fria.

É também no espaço opinativo que aparece uma definição para o regime.

A ditadura foi um regime assassino e torturador montado por militares com o apoio da maior parte da camada economicamente privilegiada do país.

Nesta mesma edição (14 de novembro de 2013), a matéria sobre os procedimentos em São Borja traz declarações de políticos do governo sobre o acontecimento, com aspas em expressões como “retomada” da democracia, “resgate histórico”, “missão de Estado”, “simbolicamente muito importante” para o país, indicando que se trata de opinião *do governo*. A ministra Maria do Rosário é questionada sobre os custos da operação.

A matéria traz uma retranscrição intitulada “Recebimento de restos mortais por Dilma simboliza também transformação no PT” - uma análise de um professor da Universidade de São Paulo (USP), com foco no partido do governo e não no acontecimento. A simultaneidade articula a exumação ao sujeito Lula, mais que ao sujeito Jango.

Na edição de 15 de novembro, o acontecimento ganha fotolegenda na capa (Figura 5). A cena é a chegada dos restos mortais em Brasília: o caixão é carregado por militares diante de uma fila de autoridades.

Na página A10, o uso de aspas volta a se repetir no título da matéria: “Para família, ‘dívida’ com João Goulart está paga”. O texto se concentra na família e na cerimônia.

Jango merece destaque novamente em espaço opinativo, em uma análise do professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Carlos

Fico, intitulada “Jango tem reputação passada a limpo após críticas e décadas no esquecimento” (FSP, 15/11/2103, p. A10). Chama a atenção, no texto do pesquisador, a contextualização feita.

Durante processos de justiça de transição, como o que o Brasil vive agora, há sempre o risco da constituição de narrativas romantizadas, não necessariamente pautadas pelo rigor histórico, mas pelas circunstâncias políticas. Entretanto, disputas de memória são sempre úteis para a busca, por vezes infrutífera, da verdade histórica.

Vivemos um momento de justiça de transição. Ao leitor da Folha, o acontecimento Jango não tem necessariamente este sentido, isolado que está, no plano informativo, de outras iniciativas institucionais, como a CNV. Ademais, qualquer referência a “resgate histórico” é associada a uma fala de governo. O acontecimento não é uma vivência da sociedade brasileira em relação a seu passado; é um evento político, uma cerimônia com gastos públicos.

O segundo enterro do presidente é tratado pela Folha em matéria publicada no dia 7 de dezembro de 2013 – este momento não recebeu capa¹². O destaque é o conflito em torno das declarações do comandante Goellner, manifesto inclusive na diagramação adotada, com uma foto ampliada do militar ao lado da foto do esquife sendo conduzido em meio ao cortejo. Mais que Jango, é Goellner o sujeito que impacta o enterro.

Já a divulgação do resultado da exumação ganhou capa: “Perícia não acha veneno nos restos mortais de Jango” (2 de dezembro de 2014). No texto, a exumação é contextualizada pela primeira vez com referência à CNV. Há cuidado sobre a não conclusão do laudo: “Isso não significa que Jango não foi de fato envenenado, e sim que essa possibilidade não pode ser confirmada pelo material analisado” (p. A07).

Trecho em espaço de Janio Freitas encerra o acontecimento na Folha, no *corpus* analisado. O resultado, para ele, não pode servir para questionar “a validade [...] com que todo o trabalho foi conduzido pela Comissão da Verdade e demais entidades envolvidas”. Reabilitada no “segundo tempo” pela FSP, à CNV resta a associação da dúvida não dirimida.

Considerações finais

As narrativas do acontecimento feitas pelos jornais locais, regional e nacional mobilizam diferentes perspectivas para compor uma memória do

12 Assim como em Zero Hora, a morte de Nelson Mandela e o sorteio da Copa ganham as capas. A Folha também destaca, no dia 07/12/2013, decisão da Justiça Federal que vetou privilégios aos presos do “Mensalão”.

que foi a exumação de Jango. As referências ao acontecimento fundador, a ditadura, são em geral pouco aprofundadas. Na Folha de São Borja, o regime é tratado como um “lado obscuro da história”, “período de exceção”.

Em O Regional, o regime é citado como “Forças Armadas”, “golpe militar de 1964” ou “quando Jango foi deposto”, embora esta publicação explicita episódios históricos mais detalhados em torno da queda do ex-presidente, trazendo à tona uma memória histórica.

A ditadura é referência pontual, na Folha, para situar historicamente o golpe e as suspeitas da morte. Em ZH, é contextualizada inicialmente com palavras que incluem referências regionais. Assim como na FSB, em que esta simultaneidade é acionada, a tensão do acontecimento fundador é reatualizada no embate entre general e políticos no segundo enterro. No período final do *corpus*, o uso da expressão “Anos de Chumbo” em ZH ancora a violência do passado e a exumação.

Na FSB, Jango foi “vítima” da ditadura e seu lugar foi e deve continuar sendo São Borja. Depreende-se que a cidade é o lugar da memória por excelência, visto que é a terra natal do ex-presidente. A partir disto, o político aparece como um homem amado no passado e no presente, porém agora “inulado com honras de Chefe de Estado”, um “presidente que agora descansará em paz” em sua cidade.

Já O Regional, mais afeito aos dados históricos, chega a nomear Jango como “defensor radical das Reformas de Base”. A publicação, de forma bastante restrita, busca preencher o vazio sobre a imagem do Jango político no contexto passado para recontar no presente o que está por trás do acontecimento.

O presidente Jango é lembrado na fala de historiadores e amigos em ZH, que além de rememorar posicionamentos e ações também introduzem qualificações relacionadas a hábitos que podem provocar doenças cardíacas; atributos retomados pelos leitores, colocando em dúvida a exumação. Na FSP, Jango, o sujeito, é resgatado no espaço opinativo; é lá que sua historicidade é rememorada. No espaço informativo, seu corpo é um objeto que catalisa a disputa por visibilidade pública.

Por fim, a exumação. A FSB colocou a cidade como protagonista do acontecimento, com uma forte carga dramática. Optou por narrativa que evidenciou os anseios da população na expectativa sobre os resultados no presente, o receio de que o corpo de Jango não voltasse, a dúvida sobre o real motivo da morte, a resignação e alívio quando o segundo sepultamento acontece e os resultados são apresentados. A memória destacada na FSB exerce contornos afetivos e emocionais.

O Regional optou por uma cobertura enfocando desdobramentos e efeitos no cenário político e social. Para registrar a exumação, menciona genericamente que o processo consistiu numa “análise dos peritos”. Por fim, mais do que falar do acontecimento como fruto de um processo mais amplo da CNV, julgou relevante publicar sobre o conflito entre a família de Jango e a Secretaria Nacional de Direitos Humanos, que discordaram da data de divulgação dos resultados.

A exumação é espetáculo técnico explorado com minúcias por ZH; é também um acontecimento político dotado de relevância histórica. O proveito possível de sujeitos políticos aparece em espaços opinativos.

A exumação é narrada no registro de um acontecimento *da política* pela FSP, como um espetáculo. É a vinculação com o poder atual que atrai o jornal: o cenário da capa é Brasília. As análises estendem-se para o partido que governa; os sentidos de resgate histórico e de valorização da democracia são atribuídos a falas de governo.

Assim, nestas narrativas que compõem memórias públicas da exumação, temos diferentes graus de experiência e entendimento, quadros coletivos de grupos variados, dos munícipes que partilham o local de origem e fim do presidente, a brasileiros distantes de São Borja, mas aproximados pelo interesse na política nacional.

O relato jornalístico transita do acontecimento político, histórico, registrado e dramatizado pelos são-borjenses, valorizado nas páginas do jornal regional, a um acontecimento *da política*, percebido como desejo de visibilidade e proveito público, privatizado na suspeita de uma família e de um governo, sentidos ensejados especialmente em âmbito nacional.

Referências

- ALSINA, Miquel R. **A construção da notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- BABO-LANÇA, I. Acontecimento e memória. In: FRANÇA, V.; OLIVEIRA, L. (orgs.). **Acontecimento: reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 55-65.
- BABO-LANÇA, I. **Configuração Mediática dos Acontecimentos do Ano**. In: Caleidoscópio, n. 8, p. 73-84, 2011.
- BERGER, Christa. **Jornalismo e Memória e Ditadura**. Texto apresentado no 6º Congresso Sop-com, Lisboa, 2009.
- FONTCUBERTA, Mar de. **La notícia: pistas para percibir el mundo**. Barcelona: Paidós, 2011.
- FRANCISCATO, Carlos E. **A fabricação do presente: como o jornalismo**

reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais. São Cristóvão: Ed. UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HERSCOVITZ, H. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (orgs). **Metodologia de pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

NEVEAU, Érik. **Sociologia do Jornalismo**. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

QUÉRÉ, Louis. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. In: **Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação**, n. 6, p. 59-76, 2005.

QUÉRÉ, Louis. A individualização dos acontecimentos no quadro da experiência pública. In: **Caleidoscópio: revista de comunicação e cultura**. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, n. 10, p. 13-37, 2011.

MAROCCO, B. Uma via alternativa de reflexão sobre as práticas jornalísticas. In: **Anais do I Colóquio Internacional Mudanças Estruturais no Jornalismo**. Brasília: Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília, 2011. Disponível em www.mejor.com.br

PALACIOS, M. **Convergência e memória: jornalismo, contexto e história**. Matrizes – São Paulo, Ano 4, n. 1, p. 37-50, jul./dez. 2010.



Figura 1. Detalhe da capa da Folha de São Borja – edição de 07/12/2013
Fonte: Folha de São Borja



Figura 2. Detalhe da capa da Folha de São Borja – edição de 29/11//2014
Fonte: Folha de São Borja



Figura 3. Capa de O Regional – edição de 06/12/2013
Fonte: Página do Facebook do Jornal O Regional¹³

13 Disponível em <https://www.facebook.com/jornalregionalsb/photos/pb.164463120356519.-2207520000.1441743616./366811363455026/?type=3&theater>. Coleta em 08/09/2015.

Como serão a exumação, o traslado e os exames

EXUMAÇÃO E TRASLADO

Após os exames de campo no local, o corpo será exumado e trasladado para o Instituto Nacional de Criminalística (INC) em Brasília. O traslado será feito em um veículo blindado, com o corpo em uma caixa de madeira, protegida por uma placa de chumbo. O traslado será feito por via aérea, com o corpo sendo levado para o INC em Brasília.

EXAME ANTRÓPICO

Os exames antrópicos são realizados no Instituto de Medicina Legal e Perícia (IML) em Brasília. Os exames incluem a identificação do corpo, a descrição das características físicas e a realização de exames de laboratório para determinar a causa da morte.

EXAME DE DNA

Os exames de DNA são realizados no Instituto de Genética em Brasília. Os exames incluem a coleta de amostras de DNA e a realização de testes de comparação para identificar o indivíduo.

EXAME TOXICOLÓGICO

Os exames toxicológicos são realizados no Instituto de Toxicologia em Brasília. Os exames incluem a coleta de amostras de sangue e urina e a realização de testes para detectar a presença de drogas e toxinas.

EXUMAÇÃO E TRASLADO

Após os exames de campo no local, o corpo será exumado e trasladado para o Instituto Nacional de Criminalística (INC) em Brasília. O traslado será feito em um veículo blindado, com o corpo em uma caixa de madeira, protegida por uma placa de chumbo. O traslado será feito por via aérea, com o corpo sendo levado para o INC em Brasília.

EXAME ANTRÓPICO

Os exames antrópicos são realizados no Instituto de Medicina Legal e Perícia (IML) em Brasília. Os exames incluem a identificação do corpo, a descrição das características físicas e a realização de exames de laboratório para determinar a causa da morte.

EXAME DE DNA

Os exames de DNA são realizados no Instituto de Genética em Brasília. Os exames incluem a coleta de amostras de DNA e a realização de testes de comparação para identificar o indivíduo.

EXAME TOXICOLÓGICO

Os exames toxicológicos são realizados no Instituto de Toxicologia em Brasília. Os exames incluem a coleta de amostras de sangue e urina e a realização de testes para detectar a presença de drogas e toxinas.

Figura 4. Páginas 06 e 07 de Zero Hora – edição de 10/11/2013
 Fonte: www.zerohora.com.br



» **HONRAS DE ESTADO** A viúva do ex-presidente João Goulart, Maria Thereza (de branco), assiste ao lado da presidente Dilma e dos ex-presidentes Lula, Collor e Sarney à cerimônia de chegada do corpo de Jango a Brasília para investigação sobre causa de sua morte Poder A10

Figura 5. Fotolegenda publicada na capa da
Folha de São Paulo em 15/11/2013
Fonte: Arquivo Digital Jornal Folha de São Paulo